

Ricardo Reis

Eu não vou, evidentemente, fazer nas escassas páginas

Eu não vou, evidentemente, fazer nas escassas páginas que com justiça posso exigir para este prefácio, explanar e esmiuçar o que seja o paganismo, como fenómeno completo, multimodo e que teve, como tudo, uma vida e uma evolução, que, dentro de si próprio, o tornaram diverso(s). Posso, porém, — e é o que farei — notar em breves palavras, as precisas, o que é a essência do sistema religioso da Grécia e da Roma antigas.

O que fundamentalmente distingue o paganismo greco-romano (mau grado as diferenças entre o paganismo grego e o romano) não é o facto de ser politeísta. Politeísmos há vários, de várias espécies e de vários graus de valor humano. Politeísmo é o sistema que foi dos povos nórdicos da Europa, politeísmo, é a religião o que foi dos (...) politeísmos também, mau grado o aspecto de ter um fundamento monoteísta, sem *prise* para a alma geral, os sistemas egípcio, índio e o actual sistema dito católico.

Tão pouco se distingue o paganismo greco-romano por aquele característico que é costume atribuir-lhe: a alegria e a sensualidade. Esse conceito, que existe apenas nos ignorantes e nos que só pensam em paganismo como coisa diferente do cristismo, é, como a ciência sabe, um erro. Não é mister repetir as observações dos dois mestres da ciência do helenismo — Boecke e Burckhardt. Eles afirmaram, o último categoricamente, que os gregos eram mais tristes do que muita gente julga. Sobre o ponto da sensualidade do paganismo é inútil tocar, porque só fala da sensualidade greco-romana quem ignora o carácter grego e romano. A castidade grega é coisa sabida e assente para os estudiosos; a disciplina romana, a austeridade de princípios dos romanos é coisa do conhecimento geral. O hábito de tornar uma parte pelo todo, que faz com que a Roma meio cristã da decadência seja considerada como típica do paganismo, é causa do erro crasso do vulgo a este respeito. O cristianismo é, como religião, mais alegre que o paganismo, e é mais sensual também.

O que distingue o paganismo greco-romano é o carácter firmemente objectivo que nele transparece, efeito de uma mentalidade, que, embora diferente nos dois povos, tinha de comum a tendência para colocar na Natureza exterior,

ou num princípio, embora abstracto, derivado dela, o critério da Realidade, o ponto de Verdade, a base para a especulação e para a interpretação da vida. O paganismo do Norte da Europa não é assim. E, na esfera da vida humana, a mesma objectividade perdura; de modo que são as qualidades humanas e não sobre-humanas que formam as bases ideais da ética. O ideal, a especulação, são extraídos da realidade pelos gregos, não lhe são impostos nem por dentro, como no sistema índio, nem por fora como no de Cristo.

Este objectivismo absoluto dos gregos e dos romanos, que nos primeiros principalmente floriu na especulação e na interpretação da vida, e nos segundos na segura experiência e compreensão prática, ou, como diria um sintético excessivo, que nos primeiros era inteligência e emoção, e vontade nos segundos — este objectivismo, digo, é que constitui a essência do paganismo.

Claramente enunciado através do inconsciente de todos os autores antigos, ele raras vezes chega à consciência de si próprio, e à consciência plena não chega nunca. Porque uma civilização, por alta que seja, nunca a si própria se vê no seu conjunto, mas apenas em uma maior ou menor soma de várias das suas partes.

Reconstruir o paganismo envolve, pois, como primeira acção intelectual, fazer renascer o objectivismo puro dos gregos e dos romanos. Tudo o mais que se tente não passa de reprodução estéril dos elementos secundários ou mesmo acessórios do paganismo antigo. Por isso nunca houve, adentro da civilização cristã, tentativa alguma que de pagã mereça o nome, embora várias tenha havido com sobradas pretensões nesse respeito. Não exemplifiquemos exaustivamente, que a tarefa, sobre ser inútil, seria penosamente longa. Enumerar todo o lixo cristão com pretensões pagãs dos Matthew Arnolds, dos Oscar Wildes e dos Walter Paters do baixo-cristismo, seria enfadonho e desolador. Esta gente julgava estar com os antigos quando ia de encontro ao cristismo por o que elas [*sic*] chamariam razões estéticas; não passam de discípulos cristãos, nem sequer do paganismo, mas apenas de certas escolas filosóficas que o paganismo produziu. Epicuristas cristãos, hedonistas católicos, estóicos de um pórtico judeu, deixemo-los na podridão estulta dos que quiseram aceitar os deuses sem saber de que matéria eles eram feitos, dos que quiseram seguir os filósofos da antiguidade, no que eles tinham de essencial, sem saber o que é que eles tinham de essencial, nem por que caminho iam.

Mas mesmo que os vários pagãos à força da nossa civilização cristã tivessem tido a noção clara do que constitui a essência do paganismo, não quer isso dizer que imediatamente passariam a ser pagãos, neo-pagãos ou re-pagãos. Essas coisas, compreendidas só com a inteligência, nada são e nada valem. Tem o indivíduo que nasce com a inteligência para compreendê-las colocada no centro da sua sensibilidade. Tem o indivíduo que nasce pagão para ser pagão. *Nascitur non fit*, como o poeta, e, afinal, como tudo o que é estável neste mundo.

Mesmo uma teoria filosófica do paganismo não é possível a quem não tenha uma organização nativamente objectivista da inteligência e da sensibilidade, uma construção dos sentidos e das emoções de tal modo talhada que interprete objectivamente as coisas. Pode ser assim, e nunca considerar-se pagão, que o será. Se assim não for, pode construir uma alma postiça com pedaços de Hesíodo e de Homero que nunca passará de um reles cristão. Tenha-se presente sempre que nasce pagão representa nascer-se livre de mais de vinte séculos de civilização cristã, porque as influências que finalmente se revelaram no cristismo estavam de havia muito, em acção nos países do paganismo. Isto não é impossível, porque nada é impossível. Sobretudo o não é no nosso tempo em que a civilização cristã, tresmalhando para todos os pontos da insânia, se desfaz por completo, se anula a si própria no último arranco da sua vilíssima alma sensual, abjecta, de escravo que matou o senhor e (...)

Não era mister que nos viesse dizer toda a gente que o cristismo é mais triste que o paganismo, nem que nos viesse dizer o sr. Chesterton, para dizer o contrário, que ele é mais alegre que o paganismo. Ambas as coisas são certas. O cristismo é, de feito, mais triste e mais alegre do que o paganismo. De sua natureza um fenómeno doentio, ele apresenta a oscilação característica da histeria (de aquilo a que se chama a histeria) onde comumente se vive nos extremos e nos auge das emoções, e onde tudo é possível menos o equilíbrio e a sobriedade.

Quando os que iam morrer nas [arenas?] circences elevavam ao César o seu grito, representavam, sem o querer, o símbolo terrível: era como se naquele cenário de decadência se figurasse o drama maior da história — a morte do paganismo, e que ao César — representante ante-típico do imperialismo abjecto que é núcleo do cristismo — eles erguessem o seu pranto de morte, o choro de uma civilização que levou consigo o segredo humano da vida.

O ódio de Nietzsche ao cristismo aguçou-lhe a intuição nestes pontos. Mas errou, porque não era em nome do paganismo greco-romano que ele erguia o seu grito, embora o cresse; era em nome do paganismo nórdico dos seus maiores. E aquele Diónisos, que contrapõe a Apolo, nada tem com a Grécia. É um Baco alemão. Nem aquelas teorias desumanas, excessivas tal qual como as cristãs, embora em outro sentido, nada devem ao paganismo claro e humano dos homens que criaram tudo o que verdadeiramente subsiste, resiste e ainda cria adentro do nosso sistema de civilização.

s. d.

Poemas Completos de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994: 185.

Prefácio a Caeiro.